

OS CRISTÃOS-NOVOS, A INQUISIÇÃO E O BRASIL — SÉC. XVI

por Elvira Mea

Perante o ritmo trepidante, avassalador e estonteante de tanta novidade e mudança, em pleno século XVI, confessava Sá de Miranda a um amigo:

«ando como homem pasmado
chorando todo o passado
temendo todo o porvir» *.

Realmente era tanto o turbilhão de novidades que se sucediam em catadupa, gerando atrás de si mais notícias, raridades, perigos, motivos, transformações-relâmpago no pensar, sentir e viver que levava o homem de então a situar-se com cada vez maior dificuldade, a tornar-se cada vez mais controverso e a sentir o abismo sempre que devia fazer opções, já que o próprio discernimento entre o verdadeiro e o falso era por vezes impossível porque os dois conceitos se tocavam.

Na segunda metade do século XVI a situação vai resvalando numa série de declínios, como o depauperamento da agricultura, reveses no império do oriente, uma frota que se revela insuficiente num mar que já não é «clausum», uma história trágico-marítima que já pesa numa população diminuta que se rarefaz em prol de novas terras que demoram a dar lucro e cuja distância é já sinónimo de fragilidade, fragilidade essa que caracteriza uma coroa que está prestes a cair num Marrocos já perdido...

¹ Carta II a João Roiz de Sá Meneses.

Simultaneamente e à medida que o século vai avançando, também o homem se sente perdido numa crise de valores em que o humanismo, a Contra-reforma e novos conhecimentos se baralham, gerando angústia, desassombro, enfim, uma gama interminável de reacções que se reflectem obviamente nos mais variados tipos de comportamento.

Socialmente também a instabilidade domina, os meios para se enriquecer parecem já estar menos ao alcance da mão de cada um, a escravatura complica tudo, os cristãos-velhos e novos fincam pé numa concorrência desenfreada, missionários e colonos têm visões diferentes de colonização, a própria Igreja apresenta-se-nos controversa, o poder do Estado e a força da lei têm pesos diversos conforme o local, o homem frequentemente não sabe em que parâmetros morais se deve situar para nortear a sua conduta.

Mercê de toda esta conjuntura tão complexa, cabe cada vez mais ao Santo Ofício ser paradigma, padrão duma escala de valores bem clara e definida, de molde a uniformizar conceitos, juízos, comportamentos individuais ou colectivos; a sua organização e consolidação ao longo, sobretudo, da 2.^a metade do século mostram bem a dimensão dos seus objectivos, mas onde nem sempre os meios são suficientemente objectivos e eficazes, pelo que também de quando em quando reflecte perfeitamente a perplexidade da sociedade em que apesar de tudo está inserida...

Este tribunal santo, apadrinhado pelo Estado, vai tentar remodelar a sociedade segundo um só diapasão... o da Contra-reforma à portuguesa.

À medida que o tempo passa, os delitos menores, como palavras escandalosas, blasfémias, o próprio luteranismo (ou melhor, dum modo geral laivos de luteranismo apanhados por ouvir dizer), vão-se esbatendo em prol da verdadeira heresia, o judaísmo, que sobretudo na parte norte do país é a culpa por excelência quer pelo número quer pelo tipo de sentenças, o que se traduz por uma maior incidência do tribunal sobre os cristãos-novos relativamente aos cristãos-velhos, que, como é natural, vão tendo mais tento na língua, pois que lhes vai saindo caro esse luxo...

Dum modo geral a população resigna-se «às entradas» cada vez mais vastas da Inquisição, não sem por vezes estrebuchar como no caso duma devassa feita pela Inquisição de Évora em 1551 a propósito da queima dumas imagens e devastação da ermida de Nossa Senhora das Ervas do Alhandroal, acto que,

apesar de todo em todo não se ter apurado culpados, parece ter sido obra de alguém ressabiado ou simplesmente escandalizado com o último auto. Contudo pudemos detectar que nessa resignação cabem também os que aceitam o tribunal como algo sagrado para o qual há a obrigação moral de registar o que está errado ou mesmo parece, sem qualquer mescla de outros sentimentos menos altruístas. Não obstante, muitos são os que pensam que a Inquisição pode ser um bom meio de eliminar inimigos ou concorrentes incómodos, nomeadamente no que toca aos dois elementos mais distintos na sociedade — cristãos-velhos, cristãos-novos — que com o tempo se vão mesmo nalguns aspectos polarizando, o que não quer dizer, porém, que a Inquisição não tente crivar berne depurar as denúncias verdadeiras das falsas. No caso da ermida do Alhandroal, por exemplo, é bem acentuada a tónica no ataque aos cristãos-novos, que não resulta.

Estes, por sua vez, perante «os outros» vão aproveitando as facilidades inerentes a serem cristãos e simultaneamente na sua grande maioria separam-se muito discretamente dos cristãos-velhos, furtando-se a contactos sociais ou de vizinhança, mantendo sempre que possível a sua privacidade bem longe de olhares indiscretos. Dum modo geral marginalizam os que se misturam pelo casamento com cristãos-velhos, pelo que só mediante novas circunstâncias, no final do século (que apontaremos), a situação se modifica um pouco.

Relativamente à Inquisição e conforme os tempos, a situação, as possibilidades económicas e profissionais e a própria distância do tribunal, deparam-se-nos reacções diversas:

Surgem as primeiras emigrações aquando dos preparativos e criação do Santo Ofício, tanto quanto nos parece de pequeno vulto, visto que uma grande maioria ou não acreditou na permanência da Inquisição ou resolveu esperar para ver no que se concretizava, pois a princípio havia grandes obstáculos para o seu pleno funcionamento e a diplomacia cristã-nova em Roma era poderosa.

Mais tarde e apesar das leis repressivas, continuaram as portas abertas para quem tinha dinheiro, contactos ou profissão que permitissem a saída — Lisboa, Porto, Buarcos, Aveiro e Setúbal são os portos mais usados para além das fronteiras do Leste e Norte, onde existiam contactos comerciais permanentes e intensos com várias zonas espanholas — Sevilha, Madrid, Salamanca, Medina

dei Campo, Puebla de Sanabria, são localidades onde se sediam cristãos-novos portugueses e têm parentela.

Claro está que esta emigração, mais ou menos contínua, adquire maior volume sempre que há novas entradas da Inquisição, como acontece no Nordeste nas décadas de 80-90 — Vinhais, Bragança e Miranda, onde, inclusive, nem sempre se verifica emigração propriamente dita mas idas e vindas mais ou menos espaçadas para Espanha, porque o teor dos negócios a isso os obrigava, ou mesmo o Porto nos finais do século rumo ao novo continente.

No entanto os cristãos-novos engendraram outros meios para se eximirem aos Santo Ofício, manejando com extrema habilidade a própria legislação inquisitorial — como as entradas se dão paulatinamente vão arrançando processos para saberem de antemão quem vai ser preso ou quem acusa quem, pelo que podem apresentar-se voluntariamente, de preferência com a família, de molde a saírem livres apenas com penitências espirituais, «dando» exactamente nas pessoas certas, sem alargar o círculo de denúncias como normalmente acontecia. Nalguns casos já com mandatos de captura, fogem e depois vão apresentar-se a Lisboa, sendo remetidos com os respectivos processos para Coimbra mas geralmente com sentença dada; provavelmente fazem-no para ganhar tempo ou porque em Lisboa não existia a culpa formada ou eram menos severos — para a década de setenta-oitenta parece-nos ser esta a hipótese mais correcta.

Mas mesmo para os já presos era possível encontrar escapatórias — desde o caminho mais ou menos longo em que era impossível manter a incomunicabilidade entre os presos, pelo que se podiam estabelecer acordos tácitos para culpar o mínimo possível, até à comunicação do cárcere, estratagema que conhecia uma série variada de sistemas, como as pancadas do ABC da parede, o buraco disfarçado ou mesmo os escritos passados através de forros, metidos num rolo de carne assada, no testo da panela da sopa, etc. De quando em vez os funcionários encarregados de vigiar o cárcere, o alcaide e as próprias confissões levam à descoberta de redes de comunicações, mas muitos foram, com certeza, os que conseguiram eximir-se a penas maiores sabendo na própria prisão, por vias vindo de fora ou do interior do cárcere, em quem deviam «dar» certo.

É precisamente deste imbróglio deveras imbrincado que nós

dá uma boa achega Bento Teixeira, exactamente esse, o controverso primeiro poeta brasileiro, cujo processo, ainda mais controverso que ele, nos fornece, no entanto, pistas bem claras para o esclarecimento de vários pontos nebulosos relativos aos cristãos-novos, à Inquisição e ao Brasil.

Logo à partida é de notar a conjuntura em que se integra o caso de Bento Teixeira, um processo da primeira visitação ao Brasil, realizada por Heitor Furtado de Mendonça de 1591 a 1596.

Ao contrário do pequeno território de Goa, onde a Inquisição se instaurou em 1561, s  precisamente em 1591 se concretiza a primeira visitação inquisitorial ao Brasil que se revela perfeitamente inócua, pois que as características da sua crescente colonização assim o determinam.

Na verdade   coroa portuguesa para assegurar a posse dum território tão vasto como o Brasil não bastava um inteligente tratado de Tordesilhas, houve que pactuar, fechando os olhos a toda uma ocupação mais ou menos voluntária de aventureiros, marginais, sobretudo cristãos-novos, para quem o Brasil constituiu desde o início um investimento a vários níveis:

«Se o paraíso terrestre existe em alguma parte, não deve ser longe dali», afirmava o viajado Américo Vespúcio que acompanhara as expedições de 1501-02 e 1503-04 de Gonçalo Coelho, mais tarde o primeiro capitão donatário da maior e mais rica capitania do Brasil, Pernambuco, pai de Duarte Coelho e Jorge de Albuquerque Coelho, a quem o nosso Bento Teixeira dedicou a primeira obra poética escrita na nova col nia «Prosopopeia»².

A ida de cristãos-novos para o Brasil foi bastante significativa porque não só congregou «gente de nação» do continente, como outros desiludidos do «império» do oriente e emigrantes das  ndias espanholas, como se comprova dos processos inquisitoriais: as potencialidades econ micas do território e o primitivo desinteresse da coroa, garante de segurança, são factores cuja carga positiva ultrapassa em muito as dificuldades do domínio da natureza e os problemas ligados à subsistência. O próprio facto de durante anos haver apenas uma «sociedade em suspenso» possibilitava tudo!

² Poema constituído por 94 estâncias, em oitava rima, publicado postumamente em 1601. Para a bibliografia acerca desta obra, ver Arnold Wiznitzer, *Os judeus no Brasil colonial*, trad. port., S. Paulo, 1966, p. 163, nota 60.

É interessante verificar-se que as duas primeiras visitas ao Brasil se relacionam exactamente com um maior fluxo de emigração possibilitado pela lei de 25/5/1577 suspensa em **1580** e de **4/5/1601** ratificada em **1610**, segundo as quais os cristãos-novos podiam sair livremente do país com os seus bens, e simultaneamente a inflexão de «entradas» inquisitoriais para zonas ligadas já a contactos com o Brasil como o Porto, Vila do Conde, Ponte de Lima, Viana, Caminha, Lisboa, como se comprova também pelos relatos de presos destas zonas e mesmo do interessante processo de Bento Teixeira.

São em grande parte mercadores cristãos-novos que vão meter ombros à implantação da agricultura da cana, quer participando activamente no comércio do açúcar, quer creditando safras, quer equipando engenhos, tornando-se lavradores, senhores de engenho, mas jamais deixando o comércio, aliando-se mercê das vicissitudes do negócio ou do casamento a outros membros da pequena e média burguesia, característica desta etapa da colonização brasileira, já que a nobreza, exangue desde Alcácer-Quibir, não emigrava, procurava apenas um lugar ao sol ao abrigo das Cortes ou um posto em qualquer porto seguro.

Por outro lado, a própria Companhia de Jesus que chama a si a evangelização das terras de Vera Cruz, «a nossa empresa», mercê sobretudo do seu enorme poder de adaptação vai atingir o objectivo mas pactuando com as necessidades deste espaço infindo; contribuem positivamente para tornar mais brandos e flexíveis alguns conceitos tipicamente europeus, como mancebia, mestiçagem, lucro, catolicismo, heresia. O espírito de tolerância possibilita o sincretismo que por sua vez conduz a uma coexistência pacífica entre índios, brancos e negros que realmente assim criaram o Brasil.

Nesta conjuntura, mesmo que as visitas reflectissem um agudizar do preconceito anti-semita, como se tem afirmado, avolumado por um maior surto emigratório, elas estavam à partida condenadas ao fracasso — havia já demasiadas brechas em qualquer espírito criado à luz da Contra-reforma.

Considerando que nas duas visitas de 1591 e 1618 se verificaram 950 denúncias, 283 confissões, 542 denunciadores e 218 confitentes, só 207 casos dizem respeito a judaísmo. Das 530 denúncias da Baía provenientes de 264 denunciadores apenas 120

são de judaísmo³. Das duas visitas, finalmente, resultam 179 processos em que há 128 cristãos-velhos para 39 cristãos-novos⁴ e 17 com culpas de judaísmo, dos quais 15 vêm para Lisboa — um deles é Bento Teixeira.

O poeta, um cristão-novo nascido no Porto em 1563, é filho de Manuel Álvares, mercador e depois lavrador (que vivia de sua lavoura), e de Leonor Rodrigues; com cerca de cinco anos foi com os pais para o Brasil, para a capitania do Espírito Santo, passando depois a viver no Rio de Janeiro onde aprendeu a «latinidade», como no-lo afirma.

Mais tarde, ainda muito jovem, sedia-se na Baía, onde lhe morrem os pais, pelo que, dadas as qualidades invulgares do rapaz, o bispo, D. António Barreiros, paga-lhe os estudos, veste-o e calça-o. Por essa época, segundo um dos seus denunciadores, Bento Teixeira era um «mancebo alto e grosso e de pouca barba»⁵, estudante do Colégio da Companhia, andando com vestidos compridos e barrete como para clérigo.

Segundo o próprio, «fugindo sempre á conversação de gente christã nova, não tendo tracto nem comercio com ella, abominando e detestando seu depravado modo de viver em muitas cousas, chegando a tanto extremo, que elles querião estranhavelmente mal a elle e elle a elles...»⁶, pelo que engendraram uma intriga que o obriga a deixar de estudar, indo para Ilhéus, onde conhece e casa com Filipa Raposa, filha de André Gavião, um nobre cristão-velho*

Vai viver com sua mulher para Olinda, onde cria uma escola de ler, escrever e de latim, ensinando mais de sessenta moços durante dois anos; passa depois para Iguaraçu onde também ensinou.

³ Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, «Confissões da Bahia», S. Paulo, 1935.

Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, «Denunciações da Bahia», S. Paulo, 1925.

Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, «Denunciações de Pernambuco», S. Paulo, 1929.

Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, «Confissões de Pernambuco», Recife, 1970.

Sônia A. Siqueira, *A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial*, Ed. Ática, S. Paulo, 1978, p. 256.

⁴ Os restantes são 11 mestiços, que não referem mais nada, e 1 mourisco.

⁵ A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, Processo n.º 5206, fl. 4.

⁶ Fl. 43v. do mesmo processo.

Entretanto o seu casamento vai-se deteriorando, já que, segundo ele diz, Filipa Raposa passa a enganá-lo frequentemente, desculpando-se para com os que a recriminam que ele é um mau cristão, um judeu, não é seu marido.

A este propósito, naturalmente que, dadas as circunstâncias e o próprio ambiente da colónia, o casamento misto é mais frequente que no continente, onde durante o século XVI não se constata um número significativo de uniões entre cristãos-velhos e cristãos-novos, a não ser em zonas «escancaradas» pela Inquisição, provavelmente funcionando mais como um mecanismo de defesa, assumindo-se até como uma atenuante ou uma cobertura, pois, por exemplo, Guiomar Mendes, uma viúva de Ilhéus, refere a Bento Teixeira relativamente a ter casado a filha com um cristão-velho «se a eu casei com christão velho não foi por minha vontade mas por puras importunações de Francisco da Costa, seu irmão, delia, e ainda que ella seja casada com christão velho isto não lhe estrova a ella e a mim fazermos tudo aquillo que somos obrigadas a fazer por guatda do que o Senhor Deos Nosso mandou a seu servo Moisés na lei que lhe deu, o que vos não podeis fazer porque a molher he ladrão de casa, e mais sei vos dizer, que muito milhor he a huma molher da nação ser casada com christão velho que com christão novo porque á sombra de ser casada com christão velho faz o que quer secretamente na guarda da lei do Senhor Deos e o mundo não sospeita então que ella pode fazer cousa nenhuma por guarda da lei de Moisés por ter o marido christão velho e se he casada com christão novo ainda que seja muito boa christã e faça milagres, diz o mundo por derradeiro, he judia casada com hum judeu»⁷. Na verdade encontrámos uma esmagadora maioria de matrimónios deste tipo.

De certo modo (e nem sempre consegui apurar se a causa é o fracasso do casamento) há da parte dum dos cônjuges (quase sempre o cristão-novo) a mesma ideia de Filipa Raposa, de que não houve efectivamente matrimónio, mas uma espécie de mancebia, sente-se até uma angústia muito profunda inerente a saber-se se os filhos segundo a Lei Velha são legítimos⁸.

⁷ Fls... (não numerados) da primeira sessão de 15 de Dezembro de 1597.

⁸ Assim, por exemplo, «Estando assy todos juntos a ditta Lianor da Rosa perguntou... Eis aqui está minha irmã, Maria Lopez, que casou sua filha com Gaspar d'Almeida, christão velho, filho do meirinho velho desta cidade; pergunto se

Mas voltemos a Bento Teixeira que, não conseguindo resolver o seu problema familiar, volta a Marim, onde novamente ensina e depois passa ao cabo de S. Agostinho, terras de João Pais, ensinando então mais de 30 rapazes, porém sempre afrontando o mesmo problema com a mulher, chegando a uma situação de ruptura total que o leva a matá-la. Refugia-se então no mosteiro de S. Bento onde, segundo o seu depoimento, mais uma vez os cristãos-novos lhe mostram a sua animadversão já que ele, segundo diz, fugira sempre ao seu contacto e eles, favorecendo-se uns aos outros, marginalizam-no. A morte da mulher não ajuda, pois segundo os cristãos-novos ao adultério não se contrapõe a morte, pelo que «pello capital ódio que esta nação christã nova lhe tem, hum caudilho delles por nome Duarte Diaz Henriquez disse... publicamente que todo o homem da nação que hia yisitar ao dicto Bento Teixeira era infame como elle...

Por onde oje em dis de presente lhe querem mal e folgarão com sua prisão, dizendo que quem tanto enchia a bocca de judeus que justo era o prendessem por isso e isto dizem que anda Ia por provérbio entre elles... Viderunt illum, e moverunt capita sua»⁹.

Entretanto incompatibilizou-se também com o superior do mosteiro beneditino onde estava recolhido, Padre Damião da

os filhos que tem delle se fora na lei Velha se forão tidos por legitimos ou se os lançaria fora do templo... João Vaz Serrão disse que elle lera que quando os filhos de Israel vierão da transmigração de Babilónia que Deus mandara que todos os filhos que lá ouverão de mulheres gentias, os lançassem fora do templo e não fossem tidos por legitimos. E que polia mesma razão os filhos da ditto Maria Lopez, diguo, que os filhos da filha da ditto Maria Lopez ávidos de Gaspar d'Almeida, christão velho, não erão legítimos».

O próprio Bento Teixeira aduziu que «tinha ouvido a hum pregador, padre da Companhia que lá está, que se chama Guaricio Caixe, que Deus trazia seu povo dos judeus tão mimozo que mandava no Deuteronomeo que quando os judeus fossem a guerra e tomassem algumas mulheres gentias que lhe contentassem por fermosas, que as trouxessem e que lhes cortassem os cabelos: e depois de chorarem os peccados de seus antepassados trinta dias e trinta noites, que então as podessem dar por mulheres como se forão judias. E o ditto João Vaz respondeo — isso he cousa differente do que nos praticamos. E elle confitente tornou a dizer — pois se isso he assim, como casou Maria Lopez, que aqui está sua filha com christão velho? Ao que Maria Lopez respondeo as palavras seguintes: faço conta que tenho minha filha na mancebia».

Fls (...) da 2.^a sessão de 20-11-97.

⁹ Fl. 38v. do citado processo.

Fonseca, a quem passa uma reprimenda pela vida que faz e modos de tratar os outros religiosos, pelo que também, segundo diz, capta o seu ódio...

Bem, aqui é preciso esclarecer que toda esta espécie de biografia é escrita em Olinda, após a prisão a 20 de Agosto de 1595, já sujeita a uma certa celeuma, visto que quando Heitor Furtado de Mendonça visita o Brasil já existiam culpas contra Bento Teixeira, aumentando especialmente com a visitação a Pernambuco. O processo é remetido para Lisboa, em Janeiro de 95 os Inquisidores Bartolomeu da Fonseca e Manuel Álvares Tavares não julgam as culpas bastantes para prisão, dadas as diferenças que existem, mas em Março o parecer do Conselho Geral a cargo de Diogo de Sousa e Marcos Teixeira levam à referida prisão do acusado.

Pelo menos e com maior incidência, relativamente ao norte do país, à Inquisição de Coimbra, notámos que da parte do Conselho Geral há nos anos 80 uma atitude mais branda quanto às decisões do tribunal e do mesmo modo com menor conhecimento de causa nos pareceu relativamente a Lisboa; a partir de 90 dá-se o inverso dum modo mais ou menos sistemático — claramente não encontramos orientações vindas de fora, de Madrid, que o justifiquem; provavelmente dever-se-á à própria estrutura do Conselho Geral, um posto superior na carreira inquisitorial, pressupondo uma experiência a vários níveis e regiões que determinaram tal atitude. Poder-se-ia pensar também que poderia aqui ter havido a «mão protectora» de Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da capitania de Pernambuco a quem Bento Teixeira dedica a «Prosopopeia»¹⁰.

Segundo os vários depoimentos acusatórios e o próprio decorrer do processo, pareceu-nos que na verdade Bento Teixeira era de facto uma pessoa muito culta, conhecendo bem o latim, o Velho e Novo Testamento e alguns clássicos, escreve e fala bem num estilo fluente e rico mas por vezes exagera, não se coíbe de falar alto e bom som de tudo e todos, arranjando assim inimigos a todo o momento, pelo que é essencialmente preso pela língua que tem.

Realmente as denúncias provêm quer de cristãos-novos quer de cristãos-velhos e são díspares entre si; o poeta lia para quem o

¹⁰ Opinião defendida por Rudolf Garcia, citado por Arnold Wiznitzer, op. cit., p. 24.

queria ouvir não só a Bíblia em linguagem como a Diana, o Deuterónimo, para além de fazer sistematicamente afirmações escandalosas e/ou heréticas, como a de que só no juízo final se chegaria à conclusão qual das leis era melhor, a Velha ou a Nova, Adão mesmo que não tivesse pecado teria na mesma que morrer, fazia juramentos pelas partes íntimas de Nossa Senhora, chegou a simbolizar o acto sexual pela entrada do Papa no Sacro Colégio deixando de fora os Cardeais.

No entanto não há propriamente uma acusação formal de judaísmo em forma nem de qualquer rito a ele ligado, a não ser guardar o sábado de que nem chega a ser peremptoriamente acusado.

Chegado a Lisboa em Janeiro de 96, é precisamente Bento Teixeira quem não só reitera as acusações que lhe eram imputadas como desbobina desenvolta, rápida e aWrememente toda uma prática de judaísmo que, para além de o incriminar até ao pescoço, arrasta consigo uma centena de amigos, inimigos, conhecidos e outros de «ouvir dizer» de dentro e de fora do cárcere.

De tal modo não é peço nas suas afirmações, diríamos mesmo, copioso e muito pormenorizado que por vezes nos vem à ideia que há algo de oco em tudo isto — não será fruto duma imaginação fértil de alguém de bom gosto a quem agrada ouvir-se a si mesmo, pois que a conversão é demasiado ostensiva para parecer verdadeira, mas também não afirmamos que o não é. E cá estamos sempre num dos nós mais cegos da Inquisição: as intenções, sentimentos e a sua concretização em atitudes para as quais não há critérios possíveis de julgamento nem graduações em parâmetros, daí muitas vezes as falhas.

Por outro lado pergunta-se: porquê tanta denúncia e nenhuma de judaísmo em forma quando Bento Teixeira faz parte em sítios diferentes duma série de ajuntamentos numerosos em que é quase sempre participante activo?

Será que a visitação foi ainda mais formal e vazia do que já afirmámos?

Será fruto do medo encapotado numa ostensiva e ruidosa auto-confiança? Nesse caso, como se compreende, aceitando exactamente o que ele diz, que não tenha medo de depois cá fora arrastar com a impiedosa ira vingativa dos cristãos-novos denunciados, mormente dos mais poderosos, e tal como afirma, «a priori», intocáveis?

Por outro lado como conciliar toda esta chusma de denúncias com os depoimentos iniciais, ainda no Brasil, relativos à marginalização, desconfiança e ódio dos cristãos-novos para com ele e vice-versa?

Mas uma personagem tão multifacetada tinha naturalmente que ser controversa, difícil de perceber em todos os seus aspectos, passível de ser encarado sob luzes diversas — trata-se de mais um caso fora do comum com um homem invulgar, daí, o seu tratamento anormal.

Como é habitual, Bento Teixeira começa por negar tudo, mas após quinze meses de espera, na 2.^a sessão, já, inteligentemente, reitera tudo o que tinha confessado durante o «tempo de graça» no Brasil — traduzira por dez cruzados o Deuteronomio para portugueses, principiara a fazer o mesmo com o Levítico, etc.

Após as quatro sessões da praxe em que se inclui sempre uma série de interrogatórios «in genere» e outra «in specie» e sendo amoestado, é-lhe dado o libelo acusatório que contesta negativamente através do seu procurador, o licenciado Manuel Cabral, escolhido entre os dois procuradores do tribunal, aliás como sempre acontece.

Apresenta também como defesa uma lista de abonação constituída por uma série de nomes de testemunhas dispostas a provar a veracidade de sua negativa, mas destas, inclusive, há quem afirme como Frei Belchior de Santa Catarina que pelo que ouviu não tem bom conceito dele.

Entretanto o Promotor da justiça pede que «vista a muita distancia que avia daqui ao Brasil e a dificuldade da navegação e por escusar despezas às partes e dilações, mandassem fazer publicação da prova da justiça»¹¹. Feita a publicação das onze testemunhas, o poeta diz que não pode formar suas contraditas, sem lhe ser indicado o lugar e o tempo em que se deram os acontecimentos.

Caso raríssimo, foi o único (em alguns anos de estudo de processos inquisitoriais) em que os Inquisidores anuem indicando explicitamente para os vários artigos do libelo o lugar e o tempo.

Segue-se a indicação de grande número de contraditas, trinta e quatro¹², sempre um aspecto a não perder para se compreen-

¹¹ Fl... correspondente à sessão de 6 de Outubro de 1597.

¹² Das quais lhe são recebidas seis após a vinda do Brasil da confirmação de cada uma delas.

derem muitos dos usos, costumes, modos de pensar e de viver da época, mas ainda onde as principais discórdias entre cristãos-velhos e cristãos-novos ou a própria «gente da nação» se tornam uma constante no que diz respeito a dinheiro: empréstimos, dívidas que acabam frequentemente pela penhora dos bens do cristão-velho, problemas de negócios — contratos que não se cumprem, mercadorias que não chegam, depósitos que se não fazem.

O próprio Bento Teixeira para além duma série de inimizades ocasionadas pelo seu génio conflituoso, é de notar, no entanto, que insere aqui um exemplo a focar, o do P.^e Fr. Damião da Fonseca, superior do mosteiro de S. Bento em Olinda que dizia publicamente que «o avia de fazer queimar e a quantos judeus avia em Pernambuco porque elle tinha a faca e o queijo e era acolito de Hector Furtado de Mendonça»¹³. Apresenta também como causa do ódio doutro dos seus denunciantes, Jorge Tomás, pelo facto do poeta, que também vendia pau-brasil, não fornecer ao dito todo o «stock» que tinha ajustado.

Este Jorge Tomás é um dos muitos cristãos-novos de origem portuense referidos por Bento Teixeira e que se inserem num grupo muito mais vasto de «gente de nação» nortenha do Porto, Vila do Conde, Barcelos, Ponte de Lima, Viana, que ainda na primeira metade do século XVI rumam ao Brasil, constituindo-se no primeiro núcleo predominante de colonizadores que alia o comércio do pau-brasil com as tentativas iniciais da lavoura, nomeadamente da cana-de-açúcar.

Aliás e como já disse anteriormente, esta transmigração é contínua, alargando-se a outras zonas do país (Montemor-o-Velho, Lisboa, Évora, Eivas, etc.) em relação com as entradas dos tribunais da Inquisição, arrastando, inclusive, cristãos-velhos das mesmas localidades.

No século XVI há cerca de duas centenas de cristãos-novos nortenhos fixados no Brasil, como se pode comprovar quer através dos dados fornecidos pela 1.^a visitação quer ainda mediante as geneologias de processos inquisitoriais de gente nortenha. Por ora ainda apenas podemos aventar que durante o século a emigração do norte se dirigiu primeiro para as índias de Castela, Índia e logo

¹³ Fl... imediatamente anterior à sessão de 7 de Outubro de 1597.

imediatamente para o Brasil sem uma pausa entre os dois últimos. Parece assim corresponder exactamente à interpretação de Joaquim Nabuco relativo a Camões ao afirmar que mais que um poema do mar ou uma epopeia do comércio «as duas praias que "Os Lusíadas" parecem unir não são as da Europa e Asia, senão as da Europa e América, porque essa é a epopeia do comércio e da indústria, o poema da idade moderna, coisas em que o papel da América é e haverá de ser muito mais importante que o da Ásia»¹⁴.

Mas tudo isto e muito mais nos aponta Bento Teixeira no decorrer das 58 longas sessões do processo e repito, sem ter sido acusado formalmente de judaísmo, a não ser da guarda do sábado, ao fazer um relato perfeito da vida dos cristãos-novos do Brasil quinhentista.

A começar precisamente pela guarda dos sábados para a qual a «gente de nação» consegue com um tiro acertar nada mais nada menos que em três coelhos — dando o sábado aos negros para fazerem suas roças, asseguram-lhes a subsistência (evitando prejuízos com possíveis mortes devido a carências alimentares), evitam olhos importunos (como se comprova dos livros das Denúncias) para, por sua vez, guardarem o sábado e mais ainda, contentam os negros que já por essa época andavam levantados, causando problemas, sobretudo os da Guiné¹⁵.

Bento Teixeira começa, no entanto, por apontar a mãe como mestra do seu judaísmo, a mãe há muito falecida, como também é costume — os mestres são sistematicamente mortos, fugitivos ou reconciliados. Para o convencer a tornar-se judeu, a mãe dá-lhe um tostão, persuadindo-o de que mais tarde lhe nasceria um dente de ouro; após a sua morte passa a comer alimentos defesos mas com remorsos. Entretanto o pai leva-o para uma roça onde chega a feri-lo na frente para saber se o filho se tornou judeu; por isso assenta definitivamente em sê-lo, pelo que chegou a estar prestes a circuncidar-se.

O poeta, segundo no-lo conta, tem uma posição muito activa como criptojudeu, não se limitando a seguir os preceitos da sua

¹⁴ Hernâni Cidade, «Prefácio» à edição de «Os Lusíadas» comemorativa do 3.º centenário da Restauração da Independência de Portugal, Companhia Editora do Minho, Barcelos.

¹⁵ Ver por exemplo sessões de 24 de Novembro, 2, 15 e 16 de Dezembro de 1597 do citado processo.

religião que conhece bem, mas frequentemente é-lhe pedido conselho e intervém em várias práticas, como acerca dos livros de Esdras, a vinda do Messias, o Purgatório (segundo ele da história dos Macabeus se coligia que havia Purgatório)¹⁶, o mistério da Santíssima Trindade, a Ressurreição, os filhos oriundos de casamentos mistos, vários capítulos do Levítico (a história da rainha Ester e de Tobias); traduziu os salmos de David em português, o Deuteronómio e parte do Levítico, etc, jamais se coibindo para dizer de sua conta tudo o que lhe apetecia: certa vez na ilha de Itamaracá perante muitos presentes afirmou coisas que suscitaram a dúvida, pelo que lhe faltando argumentos acrescentou que pertencia ao Evangelho de S. João.

Acima de tudo era um homem culto, lera muito, dos antigos aos modernos, D. Jerónimo Osório, Frei Luís de Granada¹⁷, etc, mas era também um convencido de língua comprida; durante as longas sessões acusa cerca duma centena de pessoas, dando-nos no entanto uma boa imagem da sociedade do nordeste brasileiro em formação: uma amálgama de gente muito heterogénea oriunda de várias zonas, estratos sociais e até civilizacionais — de criados a lavradores, homiziados, degredados (nomeadamente com maior incidência perjuros, falsários, bígamos), mercadores de todo o género (desde o que fazia comércio com a Índia ao que tratava em vinhos e azeite), índios, funcionários régios, escravos negros, padres, alemães, etc.

As dificuldades são quase intransponíveis: a natureza que domina, a subsistência, ataques da costa (franceses e ingleses) e do interior (os índios), os problemas inerentes à nova lavoura da cana, levam cultos e analfabetos num espaço desmedido a esbaterem diferenças de todo o género, unindo-se para sobreviver numa grande abertura e tolerância à medida da grandeza dos obstáculos e da distância que os abate, quebrando barreiras sociais e raciais — não são só os portugueses (leigos e clérigos) a unirem-se a negras e índias mas também outros os seguem, alemães e até ingleses.

A família continua a ser base desta sociedade em «suspenso», mas quanta lonjura dos espartilhos sociais da metrópole — a

¹⁶ Sessão de 28 de Novembro de 1597.

¹⁷ Sessão de 22 de Novembro de 1597.

própria Igreja caminha num ritmo muito diverso, o que se radica é já um «catolicismo à brasileira».

Mas voltando a Bento Teixeira, ele não se contenta com tudo isto, vai mais longe, quer mesmo sobressair — será que ensina o Padre Nosso ao vigário? É algo que nos ultrapassa, saber até que ponto o que Bento Teixeira relata quanto ao que se passa nas prisões da inquisição de Lisboa, é ou não realmente uma novidade.

Dado o seu propósito, são-lhe dadas todas as facilidades para o levar avante, sendo-lhe facultadas folhas para escrever na cela, etc.

O poeta, agora convertido (pelo menos pelo que diz), relata então uma série de episódios de comunicação com outros presos, onde sobressai mais uma vez a sua participação, que vinca bem, as suas «angélicas» mas baldadas tentativas de ajudar a «má raça» cristã-nova a confessar e a converter-se. Mas eles são duros, autênticos muros, peças de jogos de interesses poderosos, obedecendo a toda uma hierarquia que deixa a salvo os "grandes", que atiram aos quatro ventos a sua imunidade perante a Inquisição, pelo respeito e temor dos que deles dependem e dos seus salva-condutos papais pagos a peso de ouro em Roma.

Mais, aponta a vulnerabilidade de funcionários permeáveis a todo este dinheiro que passa, a própria vulnerabilidade dos cristãos-novos que tudo sofrem impávidos e de dentes cerrados desde que estejam em jogo as fazendas¹⁸.

A sua verbosidade, em bom estilo, diga-se a verdade, vai ao cúmulo de dar avisos aos inquisidores, prevenindo-os quanto aos presos vindos de fora do reino que arranjam maneiras de se esgueirar da prisão ou da pena merecida, aos reservados dum auto para outro, aos recados e pressões duns sobre os outros (nomeadamente a dos negativos sobre os novatos), enfim, do perigo dum próximo perdão geral para o qual os cristãos-novos do Brasil moviam também as suas influências, dando carta branca aos seus emissários junto da corte de Madrid quanto ao montante, o dinheiro não seria problema, de olhos fechados depressa se arranjariam na colónia 400.000 cruzados.

Bem, mas se tal não chegasse a bom termo, eles, os do Brasil,

¹⁸ «...perca saudades á fazenda, que esta lança a perder os mais dos que aqui entrão...» aconselha Bento Teixeira a Gaspar Lopes, no «Titulo do que passei com Gaspar Lopez, homem da Ilha da Madeira», fL. do processo citado.

não tinham muito a temer e a perder, já que havia urcas de Flandres e de Itália, particularmente de Veneza que os poriam sempre que necessário a bom recato...

Estes avisos que não resistimos transcrever no final (pois dispensam quaisquer comentários) são realmente a parte mais original dum processo original, pelo que se tornam tema de reflexão dos inquisidores (e dal o meu conhecimento dele), pois que, embora conhecido¹⁹, parece-nos que mais uma vez foi vítima, como muitos outros processos inquisitoriais, duma visão quantitativa e muito superficial, deixando de lado um contributo valioso para o conhecimento duma sociedade, duma região, duma época.

Bento Teixeira, entretanto, pouco lucrou com a sua «ruim língua» ao mandar avisos e descodificar todo o código utilizado pela «gente de nação» na inquisição de Lisboa. No auto-de-fé de 31 de Janeiro de 1599 Bento Teixeira, o primeiro poeta brasileiro, é condenado a cárcere e hábito penitencial perpétuo, incorrendo, como tantos outros, em confiscação dos seus bens.

Morre tísico em 1600.

19 Sônia A. Siqueira, *op. cit.*, pp. 144, 150, 154, 155, 226, 241, 299, 364.
Arnold Wiznitzer, *op. cit.*, pp. 23-26.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Jesus Mana

Illustrissimos e Reverendíssimos Senhores

Diz o sábio rey de Palestina que todos os rios nascem do mar e a elle tomam; e pois o principio de minha confissão se originou desta sancta mesa do Conselho (centro donde saem as direitas linhas da verdade pêra a circunferência da Christantada) parece conveniente á razão, que como rio torne acabar nella como em mar, donde posso dizer que naci de novo e aonde recebi da misericordiosa mão de Nosso Senhor Jesu Christo tam afluentes bens como foram deixar o Adão velho do judaismo, pello homem novo que (he o mesmo Christo Jesu) as trevas palpáveis do Egypto, pello sol de justiça, as cebolas e alhos de Memphis, pello mannam celestial, á figura pello figurado, a apparencia pella existência, o pintado pello vivo, o accidente pella substancia, á matéria pella forma, a mentira já gora pella verdade permanente, a ley carregada e de tantas cerimoniaes, pella ley evangélica e jugo suave e leve de Christo Redemptor Nosso. E se os mathematicos (quando provam que a perfeição da figura circular está em ser redonda) dizem que por isso he perfeita, porque começa aonde acaba e acaba aonde começa e o anno da mesma maneira como huma coroa começa aonde acaba e acaba aonde começa (donde diz o Psalmista) benedices coronae anni benignitatis tuae, á imitação do rio, da figura circular e do anno quiz acabar aonde comecei, que enfim no acto do amor sancto e singelo ha de aver reciprocação e pois Vossas Senhorias de sua parte nunca faltam com a fineza e quilates deste, quero eu também de minha parte corresponder com o que devo, posto que pêra chegar a por a raya aonde o amor, zelo e charidade de Vossas Senhorias (que he apostólica) a põem, he necessário ser outro águia caudal de Ezechiel que subio ao monte Libano e tirou a medulla do cedro.

Mas pois não posso (por minhas carregadas pennas dos peccados me empedirem) voar tam alto, farei pêra responder com o muito que devo a nosso Senhor Jesu Christo e a essa sancta mesa e probatica Picina (aonde sarei da enfermidade e alejão do judaismo em que estive entrevado vinte e tantos annos á imitação do Paralytico) o que fez o Patriarcha Jacob fugindo de Labão e foi enterrar os idolos que lhe trouxe ao pe duma arvore chamada terebyntho, que se interpreta confissão. Assim eu depois de deixar o povo antigo, e de me esquecer da casa de meu pai e fugir da observância da ley velha a quem servi, não quatorze annos como Jacob, mas vinte e quatro, não pella fermosa Rachel (que a ley de graça dá, que he a gloria) mas pella remelosa Lia (que he a terra de promissão que os judeus

enganados com temporalidades falsa e vãmente esperam) enterrarei aos pés de Vossas Senhorias (que como arvores plantadas no jardim da Igreja Catholica, florecem no fruto de boas obras e flores de maravilhosas virtudes e doutrina exemplar) todos os mais ídolos que me ficaram de Labam; porque se for caso, que venha após de minha alma alguma lembrança do passado (como Labam veio após de Jacob) não ache dentro em mim cousa que conheça por sua. E isto farey por dous respeitos, o primeiro e principal por honra de nosso Senhor Jesu Christo e de sua Sane ta Fé Catholica. E o outro porque Vossas Senhorias em tendão que quando o bom Jesu foi servido, olhar me com seus divinos olhos de misericórdia, não foy pêra os tirar logo de mim nem pêra eu fazer de presenta minha confissão ordinária, senão verdadeira e inteira e pêra que soltando me das cadeas e laços em que o leão infernal me tinha posto lhe podesse lá fora fazer alguns serviços, sendo benemérito desta sancta casa, buscando meios accomodados pêra reconciliar muytos errados e apartados de sua Sancta Fé, com essa mesa sagrada. E posto que este officio seja apostólico, e como tal reservado a Vossas Senhorias e Deos, Nosso Senhor não communique suas verdades senão per instrumentos mais accomodados a ousados homens que eu, sey contudo, que Saul, guardando asnas, foi depois propheta e que huma asna foi parte desviar á Balam do mau caminho e zelo que levava pêra maldizer o povo de Deos, o qual depois bem disse. Assim quiseram o verbo e terno filho de Deos vivo que he Christo Jesu que á imitação de outra asna de Balam tire aqui alguns, e lá fora muitos do ruim caminho que levam, pêra que assim bendigam a seu criador que os salvou e remio com seu immaculado e precioso sangue e pêra todos ganhou de condigno a gloria, fazendo elles de sua parte o que devem.

Aviso primeiro

Como os trabalhos e necessidades apurem e a finalizem o entendimento (segundo aquillo de Isaias) e os que esta miserável e odiosa nação padece de ordinário não sejam pequenos, elles lhes apuram o juizo e lhe fazem inventar cousas, que posta na praça de qualquer outro entendimento mais livre que o seu, parecem impossíveis. Das quaes cousas algumas tenho ja dietas ao senhor inquisidor Manoel Alvarez Tavares, as quaes elle me mandou escrever em seis folhas de papel que pêra isso me mandou dar assinadas como estas pello notário, Manoel Marinho, o que fiz guardando em tudo o rigor da verdade, não como quem fui senão como quem sou e pretendo ser (mediante a graça de Nosso Senhor, Jesu Christo) que he ser bom, e fiel christão; ficava me contudo quatro cousas que por serem de mais importância que outras me pareceo necessário declara las nessa sancta mesa do Conselho porque he suprema e mais facilmente pode dar os meios pêra se remediarem semelhantes casos e começando digo:

Que he muito necessário Vossas Senhorias terem muita vigilância e cuidado que os presos que vierem de fora do reino e principalmente do Brasil, que em chegando as mãos a Cascaes, ou á torre de São Gião sejam logo trazidos a esta sancta casa, pello respeito que direi. Os homens da nação em Pernambucco, como me tinham por sua cevadeira e por homem em quem seguramente podiam depositar qualquer cousa, por mais grave e importante que fosse: me disseram que João Nunez quando veio de lá preso, peitara trezentos cruzados ao mestre do navio em

que veio que o deixasse andar quatro ou cinco dias por Lixboa negoçando seus papeis e pondo suas cousas em ordem, e que përa segurar o dicto mestre da suspeita que tinha de elle, dicto João Nunez, lhe poder fugir, trouxera o dicto mestre consigo todos estes dias sem o largar da sua ilharga e depois de negoçar á sua vontade tudo, dissera ao dicto mestre que o entregasse a esta sancta casa, o que me disseram os da nação em Pernambuco, ser causa delle sair solto e livre. Além do sobredito dous framengos que sabiam latim e eram marinheiros da urca em que eu vim chegando nos a Cascaes este Natal faz dous annos, estando defronte da torre surtos oytto dias sem podermos entrar por respeito dos ventos contrários, me cometeram que lhe desse sincoenta patacas e que huma noite me levário a huma de duas não levantiscas que hião então përa Itália e saíram daqui com a armada dos cônsules e foram ancorar a Cascaes e isto sem ninguém o entender porque o mestre hia todas as noites tomar a crápula á dieta villa de Cascaes. E que quando não tivesse sincoenta patacas, se lhe desse hum escripto meu përa algum parente, aqui em Lixboa, o que eu bem poderá fazer mas como o nosso Senhor Jesu Christo me tinha guardado este bem tamanho, como foi alumiar me o entendimento e reduzir me a sua sancta Fé, nunca me imprimio na vontade que commettesse esta empresa: mas o que eu não fiz então, pode ser que não falte d'oje avante quem o faça e principalmente cometeram isto algumas das pessoas que eu declarey em minha confissão, por ser gente mui rica e principal do Brasil, por onde convém se as não forem framengas fazer lhe dar grossas fianças no Brasil, que importe três vezes mais que o que os dictos presos lhe pode peitar; e junctamente, que o meirinho desta sancta casa vá em pessoa busca los e não mande Francisco Martins e Giraldo da Costa, ou outros como elles em busca dos presos, como fizeram a mim, que se puseram a comer e a beber comigo.

Segundo aviso

Fuy certo e sabedor que algumas pessoas da nação que cá ficavam reservados dum aueto përa outro sahiam livres da maneira seguinte — tanto que sentia o primeiro dia dos tratos tomavam manteos de canequim, lenços, ou pano de linho delgado, quando não tinha papel e engomavam estas cousas e punham se a escrever largamente a seus parentes la përa fora dando lhe contado que cá passava, e em que termos estavam seus negócios e o porque ficavam, e se eu verbi gratia estava já tratado e como tal sabiam se avia de sair, ou se era confessado entregavam me aquelles escriptos e eu cozia comigo no gibão ou no colchão e lá fora os entregava a quem me mandava e dizia mais de palavras outras cousas de mais importância, dizendo que estava preso pello dicto fulano ou fulana e que me relevava përa sair solto, e livre provar a ausencia ou quem estava mal com as taes pessoas per tantos christãos velhos, përa o qual negocio ter melhor effeito lhe darião todo o dinheiro que pedissem porque os dictos da nação ca não tinhão vigor. E desta invenção usavam e eu usei também neste cárcere donde escrevi dentro a Pernambucco a Diogo de Meirelles e ao Padre Simão de Proença, christão novo, a cada hum sua carta, përa que quando de ca me mandassem dar prova ás contradictas me tivessem lá as testemunhas abicadas, armando me já contra tudo quanto me podia sayr de culpas nesta sancta mesa, o que fiz em duas folhas de papel, de quatro ou cinco, que

comigo trouxe cozidas num forro do gibão. E sabia muito bem que só huma pessoa da nação me culpara, que era Maria Lopez, a qual pello seu próprio neto, Sebastião de Peralta, me mandou dizer que só duas palavras me accusara ante o visitador só por se abonar de boa christã, mas não por ter tenção de me fazer mal, o qual Sebastião de Peralta mas disse in terminis assim como mas deram em culpa nesta sancta casa e porque o aviso foi já fora do tempo da graça e não escusava sair em aucto pellas dittas palavras em Pernambucco por não ser desonrado aonde tinha tanto credito, quiz antes vir preso; sabia alem do sobredicto que pessoas christãs velhas eram as que me culpavam e se nas contradictas não dei logo de frechas nellas foi por Vossas Senhorias não cairem nesta invenção de que usam os christãos novos. E desenganem se Vossas Senhorias que todo o christão novo que aqui entra e acerta com quem o culpou, que fez a culpa, entendo se a pessoa que disse delle he também da nação, porque se por christão velho então tem outro desvio, e o que não acerta está innocente e que lhe alevantaram falso testemunho ou conjuraram contra elle. Alem do sobredicto advirto a Vossas Senhorias que todo o homem que daqui saye confessado e elles lá fora sabem que trouxe cá gente principal, lá buscam invenção pêra lhe acabarem os dias da vida e isto he principalmente se confessou antes d'ir á mesa que elles chamam roixa, ou não esteve ás mãos atadas, ou não confessou perto do aucto, porque então dizem, aquelle fez o que pode, não he pêra lhe por culpa, e fiam se delle mas se confessou sem nenhuma das sobredictas cousas concorrer, cream me Vossas Senhorias como a quem tratou toda a sua vida com elles e os conhecem melhor que a si próprio que alem de se não fiarem delle e o terem antre si por infame, que o ajudão muytas vezes ou o afrontão da maneira que não fica homem, sem o pobre saber donde lhe veio o mal: e não quero exagerar isto mais, senão que no aucto de Octubro que se fez nesta sancta casa, se deram lá fora a duas pessoas com garrafas de tinta pello rosto, sem saberem donde lhe veio o mal a parentes seus muyto chegados porque os culpavam nas suas confissões. Sed haec hactenus.

Terceiro Aviso

Estando huma velha por nome, a Caminha, na primeira deste pátio com as cozinheiras, se soube, e pêra melhor dizer escreveo a huma filha sua per nome Franciscá Ximenes que estava na quarta do corredor do meio com três companheiras, huma das quaes sabia ler, que ella tinha dado em Diogo Lopez de Callés, que veio preso comigo, o qual estava na sexta deste pátio em companhia de Nicolao Nunez e de Gil Lopez e que se a levassem aos tratos e apertacem muyto com ella que avia de dar no Ximenes, seu parente aqui de Lixboa; e sabendo se isto aqui no cárcere fez tanto abalo que por escriptos que de varias casas escreveram a cozinha, quiseram todas as molheres afogar a pobre velha e a Franciscá Ximenes, sua filha, dice e respondeo que faria outra cousa mas essa não, inda que soubesse morrer nos tratos, pois não tinha outra honra nem remédio, senão seu tio Ximenes. O que vendo a velha Caminha e estimulada das frequentes amoestações que as cozinheiras lhe faziam ordinariamente, determinara se a sofrer a questão de tormento que lhe deram, como soffreo. E diram Vossas Senhorias como poderá acabar com huma velha tão fraca isso? Com lhe dizerem que assim como assim, inda que desse no

Ximenes não aproveitava nada porque tinha hum escripto do Papa pêra não poder ser preso nesta sancta casa, senão que o remetessem com as culpas a Roma, e que lá se livraria e que saindo elle que esperava ella que lhe fizesse o dicto Ximenes? Pella qual razão e por outras a dieta velha deixou de culpar o dicto Ximenes.

Quarto aviso que he como corollario deste terceiro

Hão de saber Vossas Senhorias que todos os christãos novos ricos e principaes deste reino, principalmente de Lixboa, tem lançado fama que tem escriptos de Sua Sanctidade pêra não poderem ser presos nesta sancta casa, senão que com suas culpas, sejam remetidos a Roma pêra lá se livrarem. E a razão porque até gora não tem dado os judeus pequenos nestes grandes he por cuidarem que he isto assim: porque os pequenos daram o que não tem por verem hum destes grandes metido nesta casa, e dizem, não vire hum destes bizouros zunidores e de gualdrapas a esta casa, pêra crerem o mal das pobres moscas que confessam? Os outros respondem que aproveita dizer nada delles, pois tem breves do Papa? E desta maneira escapam, por onde Vossas Senhorias neste caso de lançarem fama que tem escriptos, mandem publicar que seja caso reservado á sancta mesa do Conselho, e entam veram se escapam estes pássaros de unha curva. — E também advirto a Vossas Senhorias que antes de se darem os tratos dous ou três dias apertem os presos que hão de ficar dos que hão de sair porque então escusam os escândalos de os apalparem, que lhe cousa que mais sentem que o São Bento e não terem os que ficam meio nenhum pêra suas depravadas tenções terem o effeito desejado.

Quinto e ultimo aviso

Vossas Senhorias dizem que á gente da nação a vinda do seu Messias que esperam lhe fez o mal, e eu digo, que já o tempo tem desenganado a muytos e os milagres evidentes, e a verdade enfim que he mais poderosa que tudo e que como hum sol feroso e resplandescente desfaz e anulla a nuvem escura da cegueira; e que o Messias que oje estorva e desvia aos que estão negativos nesta sancta casa de confessarem suas culpas e a muytos lá fora não se virem reconciliar a essa sancta mesa he o perdão que esperão impetrar [entrelinhar: de Sua Magestade] e assi ha homens no Brasil da nação de duzentos mil cruzados, a quem eu notei cartas pêra este reyno que dizião nellas o seguinte: mostrem este capitulo aos que vão pêra Madrid, e diga lhe que não reparem com sua real magestade em dinheiro, inda que seja dar lhe hum milhão e meio douro porque pello capitulo desta me obrigo a dar eu só trinta mil cruzados de letras passadas a vista e mais me obrigo só no Brasil tirar quatrocentos mil cruzados e isto mais depreça do que elles o hão de fazer em Portugal na demasia. Pello que Vossas Senhorias busquem algum meio pêra se desenganarem estes que estão aqui dentro por confessar porque lhes affirmo que este he o Messias que de presente lhe fez o mal, os de fora cuidou eu que estaram já desenganados. Isto he o que ao presente me accorreo e que me pareceo ser necessário manifestar nesta santa mesa como fiel, catholico e verdadeiro christão e

conduzido a luz da verdade de que he a Fé de Christo Jesu Redemptor, e Senhor nosso, na qual protesto viver e morrer e nella só salvar me, abominando e detestando toda e qualquer outra crença que não for ao nivel delia e de tudo o que assina a sancta e catholica Igreja Romana crê e tem, ate por a vida pella confissão desta verdade quando for necessário. Pedindo a nosso Senhor Jesu Christo conserve a Vossas Senhorias na perfeição evangélica, dilatando lhe a vida como dilata a de Henoc e Helias no paraíso terreal, pêra que como três rios caudalosos que delle saem, a saber, Eufrates, Ganges e Tygris fertilizem e reguem o campo espaçoso da Igreja Catholica com as cristailinas e prateadas agoas de sua doutrina, Amen. Declaro mais que todas as vezes que me occorrer alguma cousa de que me parecer necessário advirtir a sancta mesa que protesto faze Io como bom e verdadeiro christão. E por verdade me assino e declaro, que tudo o conteúdo nestas duas folhas de papel assinado pello notairo Manoel Marinho he de minha letra e sinal, as quaes duas folhas de papel, tinca e penna me mandou dar o Senhor Inquisidor, Manoel Alvarez Tavares, pêra descargo de minha consciência, a melhoria da qual e as mercês que oje de presente recebo da misericordiosa mão, começara de Vossas Senhorias mas no dicto Senhor Inquisidor Manoel Alvarez Tavares foram pêra mim crescendo, como o pão hia na mão dos Apóstolos quando o Senhor só com sinco paês abastou aquella turba multa que o acompanhava. Queira este mesmo Senhor e Redemptor nosso conserva Io nos annos de Nestor e na gaude de Macinissa pêra argumento da evangélica perfeição, pellas consolações espirituaes e desenganos tam certos que me deu com sua rara virtude e solidas letras e a Vossas Senhorias por me darem hum juiz tal (que enfim não me foi senão benigno e amoroso pai) protegat sacro sancto dominus atque Redemptor Nostrus Jesus Christus sub umbre clarum suaris. Neste cárcere, oje, 22 de Dezembro de 1597 annos.

Bento Teixeira

Jesus Maria

Mui illustres Senhores Inquiridores

Depois de ter escripto algumas cousas que me pareceram de importância, assi pêra descargo de minha consciência e como pella obrigação que tinha de advertir a sancta mesa como verdadeiro confitente de algumas cousas tocantes a ellas me occorreram além das sobredictas as seguintes que por me parecerem também necessárias escrever, pêra o qual effeito pedi a Vossa Senhoria estas duas folhas de papel assinadas pello notairo Manoel Marinho. As quaes cousas são as seguintes:

Aviso primeiro

Pareceo me também necessário fazer lembranças a Vossas Senhorias que se for possivel se evite muito não meterem preso novo com c velho negativo porque alem de danar assi com sua damnada pertinácia, pega sua pravidade ao novo que vem muytas vezes com tenção de confessar logo em indo a mesa sancta suas culpas. E isto não o digo temerariamente, senão com todo o devido exame da razão e

experiência como a quem aconteceu e como que vio a acontecer a outros. A mim ja primeiramente me disseram alguns presos velhos negativos o seguinte: irmão meu de boa entrada aveis de saber que fostes ditoso em vir á companhia de preso velho negativo, e que sabe das cousas desta casa quanto baste pêra saber como se ha de a ver, por isso day muytas graças a Deus por não irdes ter a parte e companhia onde as duas palavras dessem convosco na lama. Primeiramente aveis de saber que estais metido num inferno abreviado e não lhe chamamos purgatório porque lá visitam os Anjos as almas e consolam nas em seus tormentos, mas aqui não ha Anjos que vos consolem, senão hum de Mafoma mais mal inclinado que Belzebuth do inferno (e isto dizião pello Alcaide velho) o qual he filho do mais reprovado homem que ouve em Portugal, o qual usa ainda do officio de seu pai que he enlaçar almas; porque em entrando preso com suas palavras brandas o faz confessar e depois que o triste está metido na rede lhe diz, falai verdade. E isto faz principalmente com os presos que comem do dei Rey porque não tira nada da sua pauta que se elle he preso donde elle pode interessar alguma cousa cala ce e não lhe diz nada. Secundariamente, aveis de saber que o negativo que ainda que lhe apertem mais abrida he tido dos próprios Inquisidores em muita conta e reputação, ja la fora, não falamos que se saye livre he idolatrado de todos os da nação* acatado dos christãos velhos e enfim respeitado de todos — he verdade que pêra gozar desta gloria e honra passa pella fieira dos tratos e doutros inconvenientes, mas enfim isto he cousa que dura poucos dias e a honra dura pêra sempre. O confessado ganha o quos diremos enquanto vai confessando fazem lhe muitos mimmos, caream no com palavras brandas e depois que o estancam do feito e por fazer dão lhe com o pé e por prémio da verdade que falou armão no de ponta em branco cavaleiro de Sancto André, com huma penada de tincta amarella que diz—«saibão quantos este estromento: fazei de conta que se hão com elle como o lavrador com o cortiço, que enquanto tem mel, ou o espera delle faz lhe todos os beneficios do mundo, mas depois que lho tira da lhe de pé. E por derradeiro dizem a alguns depois de feita a confissão ao ratificar, — calai vos que por derradeiro confessados e negativos todos sois judeus — como disseram este auto passado fez três annos, o Inquisidor Bertholomeu da Fonseca e Manoel Alvarez Tavares a alguns. Demais dicto se não confessais logo em entrando, o menos que vos dão são dous annos de sambenito, hora andai pella cidade pedindo o que aveis de comer com aquelle honroso brasão as costas, que tanto que vos vem, vos viram as costas e fazem que vos não conhecem, hora depois de tudo as perrarias que vos fazem os inquisidores depois do tempo acabado pêra vos tirarem a penitencia he outra nova prisão de cárcere, e não he muyto que no cárcere foram partes e juizes e então são partes, juizes e verdugos. Pello que dambas as sortes a melhor he negar como São Pedro porque quando mal for, ides ás gallés, lá não trazeis penitencia e se tendes vinte cruzados que dais ao capitão da gallé, se não remais nem por isso vos mata. Vedes gente, vivos os vossos, sabem todos que fizestes o que se de vos esperava, folgam de vos favorecer e prover do necessário. Pello qual respeito e razões com outras muytas que não digo por não molestar a Vossas Senhorias persuadem o preso novel a estar pertinamente negativo fazendo lhe padecer mil morsos da consciencia que affirmo a Vossas Senhorias que inda que não ouvera outra razão mais obrigatória nem argumento mais efficaz para provar que a ley de Christo Nosso Senhor he a boa e verdadeira e que nella só ha salvação das almas que o tormento e martyrio perpetuo que a consciência dá a hum judeu negativo,

este só bastava pêra o converter e reduzir ao grémio da Igreja catholica e fazer outro que não he. Porque o primeiro discurso que fiz comigo (alem doutros muito depois) foy este. Ou a ley de Christo he boa ou não, se não fora boa não tinha a consciência de que me inquietar nem remorder (porque ella não remorde nem inquieta, senão quando comettemos algum crime contra a ley divina ou contra o que ditta a razão, ou ley natural) mas ella compunge me e martyriza, logo algum crime tenho eu comettido, este he o ser judeu pertinas contra a ley de Christo, logo ser judeu he mau e a ley de Christo he boa de primo ad ultimum, pois a consciência me remorde porque a não sigo, antes faço contra ella.

Assi que em resolução os presos novos como quem sabe o que passa neste caso, por amor de Nosso Senhor Jesu Christo, peço a Vossas Senhorias sejam metidos com confessados e de consciência desembaraçada e Vossas Senhorias veram o fruto que se daqui colhe. Porque alem das inspirações divinas que tive e bons discursos, foi Nosso Senhor Jesu Christo servido tirar me huma ruim companhia e pertinas negativo que com sophisticas e apparentes razões me divertia de meu intento.

Aviso segundo

Os presos negativos quando as mulheres negativas ou confessadas que por não fazerem rectamente suas confissões hão de ir aos tratos choram e dizem que são fracas e que como taes não hão de poder sofrer tam rigoroso tormento dizem o seguinte, a saber: vem cá mulher mal afortunada e apoucada do animo, pariste já? Se ella diz sim, torna elle então a dizer, pois faze de conta que aquellas duas ou três horas de tratos são dores de parto, quanto mais que algumas que os levaram dizem que não são tamanhas e sofre porque assim honras a ti e a tua geração, não trazes cá innocentes, poupas tua fazenda porque tu sem ella não ti fica mais que ires a mancebia, como muytas mulheres virtuosas e honradas de Évora que saindo confessadas com pura necessidade fizeram de si mau recado. E se a mulher he donzela e diz que não pario dize lhe: fazei de conta que vos levam de vossa honra. E pois vos nesse trance não vos indo nada sofreis, também sofri agora aonde tanto vos importa a vós e a vossos parentes, os quaes vendo que fizestes o devido vos trataram por estampa e casaram mais honradamente. E assim todas a quem eu ouvi dizer isto sofreram os tratos, como foram as filhas do velho Gregorio Lopez, de Beja, Helena Lopez e Beatriz Lopez, sua irmã, Leonor de Vera, Ines Alvarez e outras que agora me não lembra.

As intelligencias que tem pêra saberem os que estão nós tratos se são negativos se confessos

Se a pessoa que está no tormento, diz não tenho que dizer, dizem, encomendemos aquelle ou aquella se he mulher a Nosso Senhor que lhe dê victoria de seus inimigos, que a fé que tem esprito, valha te Deos — Deos te anime e confunda teus inimigos, e alguns rezam o Psalmo que diz: Qui habitat in adjutorio altissimi — Outros rezam, Dominus illuminatio mea et salus mea, outros que se querem mostrar mais catholicos rezam: Deus qui contritorum non despicias genitum et maerentium non spernis affectum. Se he confessada diz — ja faley verdade, não

tenho mais que dizer, e assim sabem que he confessada, mas que nos tratos cala a boca. Se saem bem dos tratos dizem por onde passam — Virgem da Victoria, Senhora minha valei me, que agora me martyrizará por christão se he homem, e se he molher diz, por christã e chama pella Senhora da Victoria pêra que saibam que alcançou victoria de seus inimigos.

Pêra se conhecer que pessoas são as que estão no tormento

Eu agora, verbi gratia, sospeito ou sey pello meu processo que ey de ir aos tratos, digo pello A.B.C., quando eu estiver no trato se me ouvir chamar por Nossa Senhora das Angustias faça de conta que sou eu, outros dizem, se me virem chamar pella Senhora da Conceição faça de conta que sou eu e assim cada hum toma a invocação do sancto, ou da sancta que quer e pellas invocações conhecem o homem ou a molher que está nos tratos.

Quando a pessoa confessa nos tratos, principalmente se dá em pay, may, marido, irmão, filhos ou parentes, diz o seguinte por onde vay:

Se deu o marido na molher, ou molher no marido, dizem — já entreguey a minha vida é sacrificio. Se he mãy e dá nos filhos e filhas ou he pai e da nos filhos ou filhas diz — lá deixo com dor as meninas dos meus olhos. Se os filhos ou filhas dão no pai ou mãy dizem — lá me fica com dor a carne e o sangue. Se he irmão ou irmã e deu hum no outro, dizem — lá me ficam com dor as asas do meu coração. Se dá nalgum primo ou prima, dizem — tanto puxaram pella caravelha te que arreventou a prima. Se he parente o em que deu diz — com dor lá me ficam os dentes. E diram Vossas Senhorias como he isso certo, di lo ey quando treataram o Viegas, passando por cima lhe ouviram — lá me fica a vida e sacrificios e ambas as meninas dos meus olhos com dor e os presos disseram logo: Pellos sanctos evangelhos que largou Viegas agora o mialheiro e entregou a molher, Antonia d'Oliveira e ambas as filhas, maldito seja, judeu, tam efeminado e pusillanimo; e perguntando eu como sabiam aquillo, então me disseram as intelligencias que avia pêra isso, que são as que tenho dito.

Hum aviso muito necessário

Importa muito pêra descargo das consciências de Vossas Senhorias, fazerem exame ou pêra falar mais próprio, mandarem ao physico e surgião desta sancta casa o façam mui extensamente primeiro que ponham a tormento molher alguma, compellindo as a jurar aos sanctos evangelhos se andam com seu menstruo ou não, porque se lho pergunta o physico e surgião simplesmente e sem juramento, dizem que não por não perderem aquella conjunção e não estarem com a penosa incerteza se a chamaram aos tratos outra vez se não. E não digo isto sem causa porque Lionor de Vera e Ines Alvarez, que foram vizinhas minhas neste pátio na quinta, estiveram muyto mal, por se lhe subir o menstruo á cabeça e foy porque quando foram aos tratos hiam com elle e com as dores represou lho a natureza e estiveram

perigosas alguns dias e foram tam contumazes que nem ao próprio surgião o disseram nunca, mas eu o soube de Maria Anriquez, de Salvaterra que pêra lhe tornar a vir lhe deu certos xaropes e beberajens...

Aviso ultimo

Alguns christãos novos ricos e poderosos estão apostados no Brasil se Sua Magestade não conceder o perdão, de se embarcarem nas urcas que lá vão ter pêra Frandrez, como fizeram dous já receosos de se não poder impetrar, os quaes foram Miguel Diaz, sobrinho de Bento Dias, de São Thiago e António Lopez, o Vesgo, ambos muyto ricos. E dizem que se Sua Magestade impedir que não vão lá urcas, que de dentro de Itália e de Veneza hão de mandar vir vazilhas pêra se embarcarem. E isto he o que passa na verdade pello juramento dos sanctos evangelhos, sem acrescentar cousa nenhuma, como verdadeiro christão e declaro que o conteúdo nestas duas folhas de papel he de minha letra e sinal e que protesto que todas quantas cousas me mais ocorrerem á memória, de que tiver escrúpulo ou me parecerem necessárias manifestar na sancta mesa de o fazer em todo o rigor da verdade. No cárcere, oje, sette de Janeiro de **1598** annos.

Bento Teixeira